

# **“Gradiva” de Jensen e outros trabalhos**

## **VOLUME IX**

(1906 - 1908)

## DELÍRIOS E SONHOS NA *GRADIVA* DE JENSEN (1907 [1906])

### NOTA DO EDITOR INGLÊS

#### DER WAHN UND DIE TRÄUME IN W. JENSENS *GRADIVA*

##### (a) EDIÇÕES ALEMÃS:

1907 Leipzig e Viena: Heller. 81 págs. (*Schriften zur angewandten Seelenkunde*, Heft 1.) (Reeditada sem alterações, com a mesma página de rosto, mas com uma nova sobrecapa: Leipzig e Viena: Deuticke, 1908.)

1912 2ª ed. Leipzig e Viena: Deuticke. Com 'Pós-escrito'. 87 págs.

1924 3ª ed. Mesmos editores. Sem alterações.

1925 *G.S.*, 9, 273-367.

1941 *G.W.*, 7, 31-125.

##### (b) TRADUÇÃO INGLESA:

###### *Delusion and Dream*

1917 Nova Iorque: Moffat, Yard. 243 págs. (Trad. de H. M. Downey.) (Com uma introdução de G. Stanley Hall. Omite o 'Pós-escrito' de Freud. Inclui a tradução da obra de Jensen.)

1921 Londres: George Allen & Unwin. 213 págs. (Reimpressão da anterior.)

A presente tradução, totalmente nova e com título modificado, é de James Strachey. O 'Pós-escrito' aparece em inglês pela primeira vez.

Esta foi a primeira análise de uma obra de literatura feita por Freud a ser publicada, com exceção, naturalmente, de seus comentários sobre *Édipo Rei* e *Hamlet* em *A Interpretação de Sonhos* (1900a), ver a partir de [1], IMAGO Editora, 1972. Entretanto, ele já escrevera anteriormente uma curta análise da obra de Conrad Ferdinand Meyer 'Die Richterin' ['A Juíza'], e a enviara a Fliess, juntamente com a carta de 20 de junho de 1898 (Freud, 1950a, Carta 91).

Através de Ernest Jones (1955, 382) sabemos que foi Jung quem chamou a atenção de Freud para o livro de Jensen. Acredita-se que Freud escreveu o presente trabalho especialmente para agradar a Jung. Isso ocorreu no verão de 1906, vários meses antes do primeiro encontro dos dois, sendo esse episódio, assim, o prenúncio dos cinco ou seis anos de suas relações cordiais. O estudo de Freud foi publicado em maio de 1907, e pouco depois ele enviou um exemplar do mesmo a Jensen. Seguiu-se uma breve correspondência, à qual se faz alusão no 'Pós-Escrito' à segunda edição (ver em [1]). As três pequenas cartas que Jensen enviou a Freud em 13 de maio, 25 de maio e 14 de dezembro de 1907 foram publicadas em *Psychoanalytische Bewegung*, 1 (1929), 207-211. Trata-se de cartas muito cordiais, as quais fazem crer que Jensen tenha ficado lisonjeado com a análise de Freud, parecendo inclusive ter aceito as linhas principais da interpretação. Declara, em particular, não se lembrar de ter dado uma resposta 'um tanto brusca' ao lhe ser perguntado (parece que por Jung) se acaso conhecia as teorias de Freud, como relatado em [2].

Afora a significação mais profunda, aquilo que atraiu especialmente a atenção de Freud na obra de Jensen foi, sem dúvida, o cenário em que ela se desenrola. Já era antigo o interesse de Freud por Pompéia, emergindo mais de uma vez em sua correspondência com Fliess. Assim, como associação para a palavra 'via', em um de seus sonhos, ele fornece 'as ruas de Pompéia que estudo no momento'. Isso ocorreu numa carta datada de 28 de abril de 1897 (Freud, 1950a, Carta 60), alguns anos antes de ele visitar realmente aquela cidade em setembro de 1902. Freud sentia-se particularmente fascinado pela analogia existente entre o destino histórico de Pompéia (o soterramento e a posterior escavação) e os eventos mentais que lhe eram tão familiares: o soterramento pela repressão e a escavação pela análise. Em parte essa analogia foi sugerida pelo próprio Jensen (ver em [1]), e Freud desenvolveu-a com prazer neste trabalho, assim como em contextos posteriores.

Ao ler este estudo de Freud, vale a pena que se tenha em mente seu lugar cronológico entre as obras do autor. Trata-se de um dos seus primeiros trabalhos psicanalíticos, escrito apenas um ano após a primeira publicação do caso clínico de 'Dora' e dos *Três Ensaios sobre a Sexualidade*. Inseridos no exame de *Gradiva* encontram-se não só um sumário da explanação de Freud sobre os sonhos, mas também o que talvez seja a primeira de suas exposições semipopulares de sua teoria das neuroses e da ação terapêutica da psicanálise. É impossível deixar de admirar a habilidade quase prestidigital com que ele extrai esse material riquíssimo daquilo que, à primeira vista, parece ser apenas uma história engenhosa. No entanto, seria erro menosprezar o papel que Jensen desempenhou, embora inconscientemente, nesse resultado.

## DELÍRIOS E SONHOS NA *GRADIVA* DE JENSEN

Um grupo de pessoas, que acreditava terem sido os mistérios básicos do sonho decifrados pelos esforços do autor do presente trabalho, sentiu, certo dia, sua curiosidade voltar-se para a questão da classe de sonhos que nunca haviam sido sonhados - sonhos criados por escritores

imaginativos e por estes atribuídos a personagens no curso de uma história. A idéia de submeter a uma investigação essa espécie de sonhos pode parecer estranha e improfícua, mas de certo ponto de vista seria justificável. Está bem longe de ser geral a crença de que os sonhos possuem um significado e podem ser interpretados. A ciência e a maioria das pessoas cultas sorriem quando se lhes propõe a interpretação de um sonho. Só as pessoas simples, que se apegam às superstições e assim perpetuam as convicções da Antiguidade, continuam a insistir que eles são passíveis de interpretação. O autor de ousou, apesar das reprovações da ciência estrita, colocar-se ao lado da superstição e da Antiguidade. É verdade que ele nem de longe acredita serem os sonhos presságios do futuro, desse futuro que desde tempos imemoriais os homens vêm tentando inutilmente adivinhar por toda sorte de meios proibidos. Entretanto, não é capaz de refutar de todo a relação entre os sonhos e o futuro, pois o sonho, ao fim da laboriosa tarefa de traduzi-lo, revelou-se ao autor como sendo a representação da realização de um desejo do sonhador; e quem poderia negar que os desejos se orientam predominantemente para o futuro?

Acabei de afirmar que os sonhos são desejos realizados. Quem não recear os percalços de um livro obscuro, e não exigir que um problema complicado lhe seja apresentado como simples e fácil, para poupar-lhe trabalho às expensas da verdade e da honestidade, poderá encontrar provas detalhadas dessa tese na obra que mencionei. Enquanto isso, seria desejável que ignorasse as objeções que sem dúvida surgirão contra a equiparação entre sonhos e realização de desejos.

Mas estamos-nos adiantando muito. Ainda não se trata de determinar se o significado de um sonho pode ser sempre interpretado como um desejo realizado, ou se acaso não poderá, com a mesma freqüência, representar uma expectativa ansiosa, uma intenção, uma reflexão, etc. Ao contrário, a primeira pergunta que se nos apresenta é se realmente possuem os sonhos algum significado, e se devem ser considerados como eventos mentais. A resposta da ciência é negativa: ela explica o sonhar como sendo um processo puramente fisiológico, por trás do qual não há, conseqüentemente, necessidade de procurar um sentido, um significado ou um propósito. Os estímulos somáticos, segundo consta, agem sobre o aparelho mental durante o sono, levando à consciência ora uma, ora outra idéia, desprovidas de qualquer conteúdo mental: os sonhos são comparáveis a meras contrações, e não a movimentos expressivos da mente.

Nessa controvérsia a respeito do caráter dos sonhos, os escritores imaginativos parecem tomar o partido dos antigos, da superstição popular e do autor de *A Interpretação de Sonhos*. Pois quando um autor faz sonhar os personagens construídos por sua imaginação, segue a experiência cotidiana de que os pensamentos e os sentimentos das pessoas têm prosseguimento no sonho, sendo seu único objetivo retratar o estado de espírito de seus heróis através de seus sonhos. E os escritores criativos são aliados muito valiosos, cujo testemunho deve ser levado em alta conta, pois costumam conhecer toda uma vasta gama de coisas entre o céu e a terra com as quais a nossa filosofia ainda não nos deixou sonhar. Estão bem adiante de nós, gente comum, no conhecimento da mente, já que se nutrem em fontes que ainda não tornamos acessíveis à ciência. Mas se esse apoio dos escritores a favor de os sonhos possuírem um significado fosse menos ambíguo! Um crítico mais

severo poderia objetar que os escritores não se manifestam nem contra nem a favor de os sonhos terem um significado psíquico, contentando-se em mostrar como a mente adormecida se contrai sob excitações que nela permaneceram ativas como prolongamentos do estado de vigília.

Mas esse pensamento sensato não vem arrefecer nosso interesse pela maneira como os escritores fazem uso dos sonhos. Mesmo que essa investigação nada de novo nos ensine sobre a natureza dos sonhos, talvez permita-nos obter alguma compreensão interna (*insight*), ainda que tênue, da natureza da criação literária. Os sonhos verdadeiros já eram considerados como estruturas imoderadas e arbitrárias - e agora somos confrontados com livres imitações desses sonhos! Entretanto, há muito menos liberdade e arbitrariedade na vida mental do que tendemos a admitir, e pode ser até que não exista nenhuma. Aquilo que no mundo externo denominamos de casualidade pode, como sabemos, ser colocado dentro de leis. Assim também o que chamamos de arbitrariedade da mente repousa sobre leis das quais só agora começamos vagamente a suspeitar. Vamos, então, prosseguir!

Podemos adotar dois métodos para essa investigação. Um deles seria examinar um caso particular, penetrando a fundo nas criações oníricas de uma das obras de um determinado escritor. O outro consistiria em reunir e cotejar todos os exemplos que pudessem ser encontrados do uso de sonhos nas obras de diversos autores. O segundo poderia parecer o mais eficaz, e talvez o único justificável, já que nos liberta imediatamente das dificuldades inerentes à adoção do conceito artificial de 'escritores' como classe. Ao ser investigada, essa classe desagregaria-se em escritores individuais de valor extremamente diverso, entre os quais alguns que veneramos como os mais profundos observadores da mente humana. Apesar disso, essas páginas serão dedicadas a uma pesquisa do primeiro tipo. Aconteceu que uma pessoa do grupo onde primeiro surgiu essa idéia lembrou-se de que a última obra de ficção que prendera seu interesse continha vários sonhos cujas fisionomias familiares como que o haviam encarado e convidado a tentar aplicar-lhes o método da *Interpretação de Sonhos*. Ele confessou que o tema da pequena obra e o cenário em que o mesmo se desenvolvia haviam, sem dúvida, construído o principal fator de seu prazer. A história situava-se em Pompéia e tratava de um jovem arqueólogo que abdicara do seu interesse pela vida para dedicar-se aos remanescentes da Antiguidade clássica, sendo por meios tortuosos e estranhos, embora perfeitamente lógicos, novamente atraído à vida real. O tratamento dado a esse material genuinamente poético despertara em seu leitor toda uma série de pensamentos afins e em harmonia com esse material. A obra era o conto *Gradiva*, de Wilhelm Jensen, descrito por seu próprio autor como sendo uma 'fantasia pompeana'.

E aqui eu pediria a meus leitores que deixassem de lado este pequeno ensaio e passassem algum tempo familiarizando-se com *Gradiva* (publicada pela primeira vez em 1903), para que aquilo a que eu me referir nas páginas que se seguem possa ser familiar a eles. Para os que já leram *Gradiva*, farei um breve resumo de sua história, esperando que suas memórias lhe restituam todo o encanto que ela perderá com este tratamento.

Um jovem arqueólogo, Norbert Hanold, descobrira num museu de antiguidades em Roma

um relevo que o atraía muitíssimo, tendo com grande prazer conseguido do mesmo uma excelente cópia em gesso, a qual colocou em seu gabinete de trabalho numa cidade universitária da Alemanha para admirá-la com vagar. A escultura representava uma jovem adulta, cujas vestes esvoaçantes revelavam os pés calçados com leves sandálias, surpreendida ao caminhar. Um dos pés repousava no solo, enquanto o outro, já flexionado para o próximo passo, apoiava-se somente na ponta dos dedos, estando a planta e o calcanhar perpendiculares ao solo. Provavelmente foi esse modo de andar incomum e particularmente gracioso que atraiu a atenção do escultor e que, tantos séculos depois, seduziu seu admirador arqueólogo.

O interesse que o relevo desperta no herói da história é o fato psicológico básico da narrativa. Não há uma explicação imediata para esse interesse. 'O Dr. Norbert Hanold, lente de arqueologia, na verdade nada encontrou no relevo que merecesse uma atenção especial do ponto de vista da sua disciplina científica.' (3.) 'Ele não pôde explicar a si mesmo o que havia nele que atraía sua atenção. Só sabia que fora atraído por algo e que desde aquele instante o efeito permanecera inalterado.' Sua imaginação não cessava de se ocupar com a escultura. Ele a achava 'viva' e 'atual', como se o artista houvesse reproduzido uma rápida visão colhida nas ruas. Chamou a figura do relevo de 'Gradiva' - 'a jovem que avança'. Imaginou que ela era, sem dúvida, filha de uma família nobre, talvez 'de um edil patrício que exercia seu cargo a serviço de Ceres,' e que ela estava a caminho do templo da deusa. Contudo, tinha dificuldade em situar sua natureza serena e tranqüila no clima agitado de uma capital, convencendo-se então de que ela deveria ser transportada para Pompéia, onde atravessava uma via sobre as curiosas pedras com ressaltos descobertas nas escavações que, dispostas com intervalos para a passagem das rodas do veículo, permitiam aos pedestres conservar os pés secos nos dias chuvosos. Percebeu em sua fisionomia traços gregos, e estava convencido de que a jovem tinha origem helênica. Pouco a pouco Norbert Hanold colocou todo o seu acervo de conhecimentos arqueológicos a serviço desta e de outras fantasias relativas ao modelo da escultura.

A essa altura, um problema de caráter aparentemente científico, que pedia uma solução, veio atormentá-lo. Tratava-se de determinar 'se aquela maneira de pisar de Gradiva fora reproduzida pelo escultor como na vida'. Ele mesmo achava que não conseguiria imitá-la, e para comprovar a 'realidade' desse modo de andar resolveu, 'para aclarar a questão, observar a vida'. (9.) Essa resolução, entretanto, levou-o a agir de forma pouquíssimo condizente com seus hábitos. 'Até então o sexo feminino não passara para ele de um conceito expresso em mármore ou em bronze, e nunca prestara a menor atenção às suas representantes contemporâneas'. O arqueólogo sempre considerara os deveres sociais como um inevitável aborrecimento. No convívio social prestava tão pouca atenção ao aspecto e à conversa das jovens, que ao reencontrá-las acidentalmente passava sem um cumprimento, o que certamente não causava impressão favorável. Agora, entretanto, a tarefa científica a que se propusera impelia-o na rua, especialmente nos dias chuvosos, a observar ansiosamente os pés de todas as mulheres que encontrava, atividade que lhe granjeava olhares ora indignados, ora encorajadores dos objetos de sua observação, 'mas ele não percebia nem uns, nem

outros'. (10.) Essa pesquisa meticulosa levou-o a concluir que o modo de andar de Gradiva não era encontrável na realidade, o que o encheu de desânimo e consternação.

Pouco depois ele teve um sonho terrível, no qual se encontrava na antiga Pompéia, testemunhando a destruição da cidade pela erupção do Vesúvio. 'Estava junto ao foro, ao lado do templo de Júpiter, quando subitamente viu Gradiva a uma pequena distância. Até aquele momento nem sequer lhe ocorrera a possibilidade de encontrá-la, mas então isso lhe ocorreu como sendo muito natural, já que era pompeana e residia em sua cidade natal, *na mesma época que ele, sem que disto ele tivesse a menor suspeita.*(12.) Receoso da sorte que a aguardava, gritou para a prevenir, ao que, sem se deter, a jovem voltou-lhe o rosto sereno, mas continuou seu caminho até alcançar o pórtico do templo. Ali sentou-se em um dos degraus e curvou-se lentamente até repousar a cabeça no piso, enquanto suas faces cada vez mais pálidas pareciam transformar-se em mármore. Ele se precipitou em sua direção, mas ao alcançá-la encontrou-a deitada no largo degrau com uma expressão tranqüila, como se estivesse adormecida, até que a chuva de cinzas cobriu sua figura.

Quando ele acordou, o surdo arrebentar das ondas enraivecidas e os gritos confusos dos habitantes de Pompéia, clamando por socorro, ainda pareciam ecoar em seus ouvidos. Mas mesmo depois que suas faculdades despertadas reconheceram nesses sons o bulício matinal da cidade, continuou por muito tempo a acreditar na realidade de seu sonho. Quando por fim se libertou da idéia de que estivera presente à destruição de Pompéia, cerca de dois mil anos antes, ficou-lhe o que parecia firme convicção de que Gradiva ali vivera e fora soterrada com o resto da população em 79 D.C. Em consequência desse sonho, pela primeira vez em suas fantasias sobre Gradiva, lamentou-a como alguém que tivesse sido perdido.

Absorto nesses pensamentos, chegou à janela e os gorjeios de um canário numa gaiola, na janela da casa em frente, despertaram sua atenção. Subitamente um sobressalto sacudiu a mente do jovem, que ainda parecia imerso em seu sonho. Julgou ter visto na rua uma silhueta semelhante a Gradiva e ter inclusive reconhecido seu andar característico. Sem refletir, correu à calçada para a interceptar, mas as risadas e chacotas dos transeuntes, diante de seus trajes matinais, fizeram-no voltar para casa. De novo no quarto, tornou a reparar no canto do canário, o qual sugeria uma comparação consigo mesmo. Também ele estava preso numa gaiola, embora lhe fosse mais fácil a fuga. Ainda sob a influência do sonho, e talvez também do suave ar primaveril, formou-se nele a determinação de empreender uma viagem à Itália. Logo encontrou um pretexto científico para a excursão, embora 'o impulso para essa viagem tivesse origem num sentimento que ele não podia nomear'.(24.)

Vamo-nos deter por um momento nessa viagem, programada por motivos tão fortuitos, e examinar mais de perto a personalidade e o comportamento de nosso herói, que ainda se nos apresenta incompreensível e insensato, visto ainda ignorarmos como sua singular loucura se ligará a sentimentos humanos e assim despertará nossa simpatia. Mas é um dos privilégios do escritor poder deixar-nos na incerteza! O encanto de sua linguagem e a engenhosidade de suas idéias recompensam-nos provisoriamente pela confiança que depositamos nele e pela simpatia, ainda

injustificada, que nos dispomos a conceder a seu herói. Veremos que ele foi predestinado pela tradição da família a dedicar-se à arqueologia e que, quando se achou só e independente, se absorveu inteiramente nos estudos, afastando-se por completo da vida e seus prazeres. Só o mármore e o bronze eram para ele verdadeiramente vivos, só esses materiais exprimiam o propósito e o valor da vida humana. Mas a natureza, talvez com um intuito benevolente, instilara em seu sangue um corretivo de caráter nada científico: uma imaginação vivíssima que se mostrava em seus sonhos e também no estado de vigília. Essa divisão entre imaginação e intelecto o predispunha a tornar-se ou um artista ou um neurótico; ele estava entre aqueles cujo reino não é deste mundo. Daí resultou interessar-se pelo relevo que representava uma jovem caminhando de forma peculiar e tecer sobre a mesma suas fantasias, imaginando para ela um nome e uma origem, e situando-a na cidade de Pompéia, soterrada há mais de mil e oitocentos anos, até que por fim, após um estranho sonho de ansiedade, sua fantasia da existência e da morte de Gradiva ampliou-se, passando a constituir um delírio que influenciava suas ações. Tais produtos da imaginação seriam considerados espantosos e inexplicáveis numa pessoa da vida real; no entanto, como nosso herói, Norbert Hanold, é uma pessoa fictícia, talvez possamos perguntar timidamente a seu autor se acaso sua imaginação não terá sido determinada por forças outras que não as da sua escolha arbitrária.

Deixamos nosso herói no momento em que, aparentemente influenciado pelos trinados de um canário, se decide, com um propósito que evidentemente não estava claro para ele, a viajar para a Itália. Descobriremos mais adiante que não tinha nem plano nem roteiro fixos para essa viagem. A intranqüilidade e a insatisfação internas levaram-no a transferir-se de Roma para Nápoles, e daí para mais adiante. Viu-se envolvido por uma nuvem de casais em lua-de-mel e forçado a observar os ternos pares de 'Edwins' e 'Angelinas', em transportes amorosos que lhe pareciam incompreensíveis. Chegou à conclusão de que, de todas as loucuras da humanidade, 'o casamento é a maior e a mais incompreensível, sendo o ápice dessa imbecilidade aquelas despropositadas viagens de núpcias à Itália.' (27.) Em Roma seu sono foi perturbado pela proximidade de um casal amoroso, e ele fugiu apressadamente para Nápoles, ali deparando, entretanto, outra série de 'Edwins' e 'Angelinas'. Inferindo da conversa destes que a maioria não tinha intenção alguma de aninhar-se entre as ruínas de Pompéia, estando a caminho de Capri, resolveu fazer uma opção contrária à deles, e poucos dias depois de iniciar a viagem encontrava-se em Pompéia, 'contra todas as suas intenções e expectativas'.

Mas também ali não encontrou a tranqüilidade procurada. O papel até então desempenhado pelos casais em lua-de-mel, que haviam irritado e mortificado seu espírito, transferiu-se para as moscas, consideradas por Hanold como a encarnação de tudo que é absolutamente nocivo e desnecessário. As duas espécies de espíritos atormentadores fundiram-se numa unidade: alguns pares de moscas fizeram-no recordar os recém-casados, e ele imaginou que também elas em sua linguagem interpelam-se docemente por 'meu querido Edwin' e 'minha adorada Angelina.' Por fim concluiu que 'seu descontentamento não era resultado apenas de circunstâncias externas, tendo em parte origem interna.' (42.) Sentiu que estava 'insatisfeito porque lhe faltava algo, embora não



pudesse precisar o quê.’

Na manhã seguinte atravessou o ‘Ingresso’ de Pompéia e, depois de livrar-se do guia, percorreu a esmo a cidade, sem que - fato estranho - lhe ocorresse à lembrança o sonho recente em que estivera presente à sua destruição. Mais tarde, à ‘cálida e sagrada hora do meio-dia, que para os antigos era a hora dos espíritos, quando os demais visitantes se haviam retirado e as ruínas jaziam desertas sob a luz do sol ardente, julgou poder transportar-se à vida que havia sido enterrada, mas não com o auxílio da ciência. ‘Ela ensina uma concepção fria e arqueológica do mundo e faz uso de uma linguagem filológica e morta, que em nada contribuem para uma compreensão da qual participem o espírito, os sentimentos, o coração. Quem desejar atingi-la deve permanecer aqui, solitário, único ser vivente nessa calma abrasadora do meio-dia, entre as relíquias do passado, e ver, mas não com os olhos do corpo, e ouvir, mas não com os ouvidos físicos. E então... os mortos acordarão e Pompéia tornará mais uma vez à vida.’ (55.)

Enquanto assim ressuscitava o passado com a sua imaginação, viu subitamente a inconfundível Gradiva do seu relevo sair de uma casa e atravessar a rua com passos lépidos sobre as pedras de lava, como no sonho em que ela se deitara nos degraus do templo de Apolo. ‘E com essa lembrança, pela primeira vez veio à sua consciência que, embora ignorando o impulso interno que o impelia, se viera à Itália, dirigindo-se a Pompéia sem deter-se em Roma ou em Nápoles, fora para procurar as pegadas de Gradiva - e “pegadas” no sentido literal, pois com aquele andar peculiar ela deveria ter deixado impressões inconfundíveis nas cinzas de Pompéia.’ (58.)

Nesse ponto a tensão em que até agora nos mantém o autor transforma-se por um momento numa dolorosa perplexidade. Evidentemente não foi só o nosso herói quem perdeu o equilíbrio. Também ficamos desorientados com o aparecimento de Gradiva, que de uma figura em mármore já passara a figura imaginária. Acaso seria ela uma alucinação do nosso herói, perturbado por seus delírios, ou seria um ‘verdadeiro’ fantasma, ou ainda uma pessoa viva? Não se quer dizer com isso que precisemos acreditar em fantasmas. O autor, que rotulou de ‘fantasia’ sua obra, ainda não nos informou se pretende deixar-nos dentro do nosso mundo, desse prosaico mundo governado pelas leis da ciência, ou se pretende transportar-nos a um outro mundo imaginário, no qual se concede realidade aos espíritos e fantasmas. Estamos preparados para segui-lo sem hesitações, como nos exemplos de *Hamlet* e *Macbeth*, e nesse caso encararíamos por outro prisma o delírio do imaginativo arqueólogo. Na verdade, ao considerarmos quão improvável é a existência de uma pessoa real que seja a imagem viva de uma escultura antiga, as hipóteses reduzem-se a duas: uma alucinação ou um fantasma do meio-dia. Um pequeno detalhe na narrativa leva-nos a abandonar a primeira possibilidade. Um pequeno lagarto, que sobre uma pedra desfrutava imóvel do calor do sol, fugiu assustado à aproximação do pé de Gradiva. Não se tratava, assim, de uma alucinação, mas de alguma coisa externa à mente de nosso sonhador. Contudo, a realidade de uma *rediviva* poderia perturbar um lagarto?

Gradiva desapareceu em frente à Casa de Meleagro. Não nos deve surpreender que o arqueólogo tenha prosseguido em seu delírio de que Pompéia tornara à vida ao meio-dia, hora dos

espíritos, e que Gradiva também tenha tornado à vida e entrado na casa em que vivera antes daquele fatal dia de agosto de 79 D.C. Sua mente constrói as mais engenhosas especulações sobre a personalidade do proprietário (de quem a casa provavelmente tomara o nome) e sobre sua relação com Gradiva, demonstrando que sua ciência estava agora inteiramente a serviço de sua imaginação. Ele entrou na residência e defrontou-se subitamente, mais uma vez, com a aparição sentada em alguns degraus baixos que se estendiam entre duas colunas amarelecidas, ‘tendo sobre os joelhos um objeto branco cuja natureza ele não conseguiu precisar, talvez uma folha de papiro...’ Baseando-se na teoria que formulara sobre a origem da jovem, interpelou-a em grego e esperou, cheio de ansiedade, pela comprovação de que a aparição possuía o dom da palavra. Como não obteve resposta, interrogou-a em latim, ao que ela retrucou com um sorriso nos lábios: ‘Se desejas falar-me debes empregar o alemão.’

Que humilhação para nós leitores! Então o autor estava se divertindo à nossa custa, fazendo-nos participar em pequena escala do delírio do personagem, como se sobre nós também incidisse o escaldante sol de Pompéia, para que julgássemos com maior benevolência o pobre coitado sobre quem realmente incidia o sol do meio-dia. Agora, entretanto, já estamos curados da nossa momentânea confusão, e sabemos que Gradiva é uma jovem alemã de carne e osso, solução que antes estávamos inclinados a rejeitar como altamente improvável. Tranqüilos, superiores, vamos pois esperar que o autor nos revele a relação existente entre a jovem e sua imagem em mármore, e como nosso jovem arqueólogo chegou às fantasias que conduziram até a personalidade real de Gradiva.

Mas o delírio de nosso herói não se dissipou com a mesma facilidade que o nosso, pois como nos revela o autor, ‘embora feliz em sua crença, era-lhe necessário aceitar muitas circunstâncias misteriosas.’ (140.). Provavelmente esse delírio tinha em Hanold raízes internas, as quais são em nós existentes e das quais nada conhecemos. Parece-nos, sem dúvida, que em seu caso seria necessário um tratamento enérgico para que pudesse ser trazido de volta à realidade. No momento tudo que estava ao seu alcance era incorporar a seu delírio a maravilhosa experiência por que acabara de passar. Gradiva, que perecera com o resto da população na destruição de Pompéia, nada mais podia ser senão um fantasma do meio-dia, o qual voltava à vida naquele breve instante consagrado aos espíritos. Mas por que, então, ele replicou ao ouvir a resposta dela em alemão: ‘Eu já sabia como soaria a tua voz’? A jovem também estranhou a réplica, assim como nós, e Hanold confessou nunca tê-la ouvido antes, embora esperasse ouvi-la em seu sonho, quando lhe falara ao vê-la deitada nos degraus do templo. Implorou-lhe que repetisse a cena, mas a esse pedido ela se levantou, olhando-o de forma estranha, e em poucos passos desapareceu entre as colunas do pátio. Pouco antes uma borboleta revoludara em torno da jovem, e ele a interpretou como uma mensageira de Hades, a qual veio lembrar à jovem morta que ela devia retornar, pois a hora concedida aos fantasmas estava para terminar. Hanold ainda teve tempo de bradar ao vê-la escapar: ‘Voltarás aqui amanhã ao meio-dia?’ Entretanto, podemos permitir-nos interpretações menos fantásticas e ver na fuga da jovem um sinal de que a mesma, já que desconhecia o sonho dele,

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

